

Contra a frieza dos números

ANTÔNIO CLÁUDIO
MARIZ DE OLIVEIRA

Faz longo tempo já que o Brasil mergulhou num debate obsessivo sobre a inflação. Como se esse fosse realmente o maior, senão o único, problema do País. Como se esse fosse o alvo exclusivo que nos cabe perseguir e atingir. Inflação ou dívida externa: quando não é um tema, é o outro. E não adianta buscar variações no cardápio que nos servem diariamente os jornais e os programas de notícias ou debates da TV. Chega-se ao ponto em que o prato feito já não excita o paladar. A mesma sensação de quando nos servem comida de véspera — sensaborona, requentada. Até quando?

Essa discussão exaustiva sobre um único tema paralisa todo o País e faz murchar no povo a capacidade de mobilização. Estamos todos de braços cruzados, esperando budicamente que a inflação tombe pelas mãos dos economistas de plantão. Nada mais importa. Enquanto isso, outros problemas igualmente graves deixam de ser resolvidos — e vão sendo postergados, empurrados com a barriga.

A certa altura, mais parece uma cortina de fumaça para desviar nossa atenção de questões também importantes e urgentes, evitando-se, assim, que se cobre dos responsáveis sua solução. Questões como, por exemplo, a do nosso ordenamento jurídico, submerso em destroços e ainda sob o bombardeio incessante das medidas provisórias. Nenhum país, com ou sem inflação, é capaz de sobreviver quando as leis são encaradas sem respeito, como se fossem meros farrapos de papel.

Mas existem outros problemas, ofuscados todos pelo debate piro-técnico em torno da inflação. De repente, é como se não existisse a questão gravíssima do déficit habitacional, que atinge hoje, principalmente, as grandes metrópoles, como São Paulo, um dos fatores responsáveis pelo agravamento da criminalidade. E a situação da Previdência? Milhões de aposentados vivem ou sobrevivem em



situação indigna da condição humana. Educação e saúde são outros problemas que se arrastam, com suas eternas deficiências e mazelas, porque o País, de viseiras, só enxerga a inflação... Temos ainda a dívida crescente do Brasil com seus menores carentes e abandonados. Tudo isso fica relegado a segundo plano, enquanto os economistas elaboram e aplicam mais e mais estratégias contra o inimigo público número 1, ou seja, essa fatal inflação.

De tal forma anestesiados, até esquecemos outra questão tão ou mais importante: a de que um país não é feito só de economistas. Onde estão os humanistas?

É preciso lembrar, mais uma vez e sempre, que uma nação é a soma de muita coisa: também da cultura do seu povo, também dos valores morais e éticos em que ela se deve alicerçar e sem os quais tudo desanda e se esboroaria. É isso não tem sido lembrado, pensado, discutido. O fato é que o País não consegue mais enxergar além da lousa que lhe pusaram na frente, como um biombo, na qual ficam os economistas solitariamente a rabiscar seus complexos teoremas. Ora, isso já está ficando insuportável.

Falemos francamente: toda essa discussão monocórdica sobre a inflação, além de inatingível para a maioria dos cidadãos comuns, que sofrem cá fora os problemas rotineiros da vida cotidiana, é absolutamente estéril e inútil. Outro dia, o professor e ex-ministro João Sayad apresentou, com muita propriedade, uma questão bem simples. Vamos supor, por exemplo, que a inflação amanheça zerada no Brasil. E daí? E todos os demais e vastos problemas? Infelizmente vão continuar — e cada vez mais agravados.

Por mais brilhantes que sejam em seus malabarismos técnicos, parece que chegou a hora de nossos economistas recomeçarem a dividir espaços, na gestão do País, com nossos intelectuais, com nossos bacharéis, com nossos políticos. Substituir a frieza dos números pelo calor do humanismo é a opção que deve recomeçar a mobilizar a sociedade brasileira.

□ Antônio Cláudio Mariz de Oliveira, secretário de Segurança Pública do governo Querência, foi presidente da OAB-SP